

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ-CCCO
CURSO DE PEDAGOGIA

LUCAS PAULO CARNEIRO DA SILVA

**A PRESENÇA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS PRÁTICAS DOS DOCENTES
DA ASSOCIAÇÃO PESTALOZZI DE CODÓ**

Codó – MA
2023

LUCAS PAULO CARNEIRO DA SILVA

**A PRESENÇA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS PRÁTICAS DOS DOCENTES
DA ASSOCIAÇÃO PESTALOZZI DE CODÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao
Curso de Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal do Maranhão – Campus VII
Codó, como requisito final para obtenção do título
Licenciada em Pedagogia

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Dias
Martins da Costa

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva, Lucas Paulo Carneiro da.

A PRESENÇA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS PRÁTICAS DOS
DOCENTES DA ASSOCIAÇÃO PESTALOZZI DE CODÓ / Lucas Paulo
Carneiro da Silva. - 2023.

53 p.

Orientador(a): Cristiane Dias Martins da Costa.

Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão,
Codó, 2023.

1. Contação de Histórias. 2. Educação Especial. 3.
Prática Pedagógica. I. Costa, Cristiane Dias Martins da.
II. Título.

**A PRESENÇA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS PRÁTICAS DOS DOCENTES
DA ASSOCIAÇÃO PESTALOZZI DE CODÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão - Campus VII Codó, como requisito final para obtenção do título Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: _____/_____/_____

Banca Examinadora

Profª. Dra. Cristiane Dias Martins da Costa (UFMA- Campus VII) Orientadora

Prof. Dr. Samuel Correa Duarte (UFMA- Campus VII)

Prof. Dr. Danilo Araújo de Oliveira (UFMA- Campus VII)

“Educar é viajar no mundo do outro, sem nunca penetrar nele. É usar o que passamos para transformar no que somos”.

Augusto Cury (2007, p.7)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

Aos meus pais, meus irmãos e a toda minha família que com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

À professora Cristiane, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

A todos os professores(as) que tanto me perguntaram e me fizeram pensar e pensando aprendi cada vez mais a buscar as respostas para satisfazer meus interesses e me aperfeiçoar nas matérias, com a humildade dos que aspiram a sabedoria.

Aos meus amigos, pelo incentivo e pelo apoio constante.

A todos que direta ou indiretamente desejaram essa conquista fazendo com que eu pudesse realizá-la com sucesso e satisfação.

Diante de todos os esforços procurarei dedicar minha vida pela vida de meus alunos aprendizes, em busca de transformá-los em pessoas cidadãos e dignas de respeito.

A todos vocês por tudo, deixo aqui o meu muito obrigado.

RESUMO

A pesquisa tem como foco a contação de histórias em uma escola municipal de Educação Especial em Codó, o interesse foi perceber como essa prática está relacionada às atividades docentes. Dessa forma, o objetivo geral é analisar a presença da contação de história na prática pedagógica dos (as) docentes da Associação Pestalozzi de Codó, Maranhão. Para conseguir alcançar esse objetivo, foi necessário: destacar a relevância da contação de história no processo de aprendizagem das crianças; verificar se a contação de história faz parte da rotina dos (as) professores (as); e por fim, identificar as estratégias que os professores utilizam para trabalhar a leitura em sala de aula. O trabalho está organizado em três momentos, primeiro a fundamentação teórica com base em Busatto (2006), Abramovich (2003), Tahan (1996), Sisto (2012), Lajolo (1989) entre outros; em seguida a pesquisa de campo possuindo como técnicas, observações e aplicação de um questionário aos professores do turno matutino da escola. Por fim, analisamos os dados que demonstraram a pouca utilização da literatura dentro da sala de aula. Porém, observamos que existem momentos de contação de histórias de forma coletiva para todas os alunos no pátio da escola que são organizadas a partir das datas comemorativas e também da parceria com um projeto da universidade.

Palavras – Chave: Contação de Histórias. Educação Especial. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

The research focuses on storytelling in a municipal school of Special Education in Codó, the interest was to understand how this practice is related to teaching activities. In this way, the general objective is to analyze the presence of storytelling in the pedagogical practice of the teachers of the Pestalozzi Association of Codó, Maranhão. In order to achieve this objective, it was necessary to: highlight the relevance of storytelling in the children's learning process; verify if storytelling is part of the teachers' routine; and finally, to identify the strategies that teachers use to work on reading in the classroom. The work is organized in three moments, first the theoretical foundation based on Busatto (2006), Abramovich (2003), Tahan (1996), Sisto (2012), Lajolo (1989) among others; then the field research having as techniques, observations and application of a questionnaire to the teachers of the morning shift of the school. Finally, we analyzed the data that demonstrated the little use of literature within the classroom. However, we observed that there are moments of collective storytelling for all students in the school yard that are organized based on commemorative dates and also in partnership with a university project.

Keyword: Storytelling. Special education. Pedagogical Practice.

LISTA DE ABREVIATURAS

APAES.....	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB.....	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCN.....	Parâmetros Curriculares Nacionais
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 01: Livros utilizados em sala de aula.....	33
Gráfico 02: Livro Didático.....	34
Gráfico 03: Livro Paradidático.....	35
Gráfico 04: Livro Literatura.....	36

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Perfil dos participantes.....	31
Quadro 2: Rotina escolar.....	37
Quadro 3: Utilização da contação de história.....	38
Quadro 4: A Literatura Infantil como meio facilitado no ensino aprendizagem.....	39
Quadro 5: A Literatura Infantil aprendizagem dos alunos da educação especial.....	40
Quadro 6: Literatura Infantil formação do aluno com necessidades especial.....	42

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E SUA IMPORTÂNCIA NA VIDA DAS CRIANÇAS.....	16
2.1 Surgimentos da contação de história e seus principais conceitos... ..	16
2.2 A contribuição da contação de história para as crianças.....	18
3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA	20
3.1 A contação de história em sala de aula	20
3.2 A inclusão na contação de histórias.....	23
4. A PRESENÇA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA PESTALOZZI.....	27
4.1 Caminhos metodológicos da pesquisa.....	27
4.2 A prática pedagógica e a contação de história na Pestalozzi.....	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46
APÊNDICES.....	50

1. INTRODUÇÃO

A contação de história surgiu antes da escrita, pois, desde o princípio a humanidade sentia a necessidade de repassar, através da oralidade, fatos históricos que faziam parte do passado de cada povo. De acordo com Busatto (2006, p. 20), a “literatura oral se perpetuou na história da humanidade através da voz dos contadores de história”. Ao ouvir uma história a criança fica fascinada e começa a desenvolver sua imaginação, esta é uma parte muito importante do desenvolvimento cognitivo da criança, pois é através das histórias contadas pelos/pelas professores (as) e pelos pais que a criança começa a desenvolver o gosto pela leitura.

Vale ressaltar que nem todas as famílias têm condições de ler livros para seus filhos, uma vez que não têm acesso aos livros ou até mesmo à própria leitura. Sendo assim, a escola se torna um espaço privilegiado ou até mesmo único para várias crianças terem acesso aos livros. Mas sabemos que não basta apenas o acesso, precisamos garantir a mediação da leitura pelos educadores na escola, sendo realizada como uma tarefa que envolva planejamento e amor para que as crianças se sintam acolhidas e sintam prazer ao escutar a história.

A contação de histórias segundo Rodrigues (2005, p.4) é uma atividade própria de incentivo à imaginação, é o trânsito entre o fictício e o real. Onde ao preparar uma história para ser apresentada, precisa-se que seja tomada a experiência do narrador para que possa fazer uma diferença entre os personagens e assim ampliar a experiência vivencial por meio da narrativa do autor.

A história é encantadora quando é bem planejada, sendo a presença do lúdico com elementos cênicos uma possibilidade para chamar a atenção dos alunos. Existe uma expectativa em relação à contação de histórias, pois permitem que as crianças entrem em um universo de imaginação, onde podem imaginar o que vai acontecer em uma história, ou como vai acontecer na cena.

O interesse pela temática surgiu durante o processo de aprendizado no ensino médio, quando participava e ajudava a fazer os ensaios das peças da escola, para apresentar em projetos em outras escolas. Na universidade me chamou atenção o projeto que participei como bolsista, chamado de “Alfabetização e Letramento na Educação

Especial¹” que consiste na contação de história para os estudantes da Associação Pestalozzi, por esta razão já interpretei alguns personagens em peças juntamente com alguns amigos e percebi o interesse dos estudantes da escola pela contação de histórias.

As experiências vivenciadas me permitiram perceber que contar história envolve sentimentos e habilidades, não basta apenas escolher um livro e ler. A maneira como a história é preparada pode encantar as crianças de forma que elas percebam o mundo e desenvolvam diferentes tipos de sentimentos, podendo ser felicidade, alegria, tristeza, curiosidade, dentre outros; onde a imaginação ganha asas fazendo com que elas se divirtam e aprendam ao mesmo tempo, tornando-se hábito o desejo de ouvir outros contos e histórias novas.

Nesse contexto, considerando dois anos de participação no projeto, me senti instigado a pesquisar se a contação de história está presente nas práticas pedagógicas dos (as) professores (as) da Associação Pestalozzi de Codó. Assim, foram feitos os seguintes questionamentos: Qual a importância da literatura infantil para o ensino e aprendizagem dos estudantes? A contação de história está presente nas práticas dos (as) professoras (as) da escola? Quais estratégias utilizam para incentivar a formação leitura dos seus alunos?

Dessa maneira, o objetivo geral da pesquisa é analisar a presença da contação de história na prática pedagógica dos docentes de uma escola municipal na cidade de Codó. Para conseguir chegar a esse objetivo, foi trabalhado em cima de três objetivos específicos: destacar a relevância da contação de história no processo de aprendizagem das crianças; verificar se a contação de história faz parte da rotina dos/das professores (as) na sala de aula; identificar como os/as professores (as) utilizam da leitura em sala de aula.

Para dar conta dos objetivos foi feita uma revisão de literatura no Google Acadêmico, em livros e em documentos que tratam da temática pesquisada, dentre os autores podemos destacar Busatto (2006) falando sobre a importância da literatura; Abramovich (2003) trazendo reflexões sobre a contação de história; Tahan (1996) e

¹ O projeto “Alfabetização e Letramento na Educação Especial” integrado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Campus Codó, tem como objetivo realizar na Associação Pestalozzi de Codó, atividades de extensão com o propósito de alfabetizar letrando a partir da literatura. Esta ação extensionista vem sendo desenvolvida na referida instituição desde o ano de 2011 e atinge um público de aproximadamente 150 alunos, dentre crianças e adolescentes com deficiência auditiva, visual e mental. As ações do projeto ocorrem da seguinte forma: encontros semanais na Universidade para planejamento das aulas e histórias; contações de histórias na escola; atividades de formação para qualificação dos bolsistas para o desenvolvimento das atividades de leitura e escrita.

Sisto (2012) tratam da literatura trazendo para o contexto da contação de história dentre outros. Além disso, foi feita uma pesquisa de campo na Associação Pestalozzi cidade de Codó. O período de observação aconteceu ao longo do ano de 2022 durante a minha participação como bolsista do projeto, como instrumento de pesquisa utilizei o caderno de anotações e a aplicação de um questionário aos/as professores (as) do turno matutino.

O presente texto segue a seguinte estrutura: introdução, falando de uma maneira geral sobre a temática investigada, os objetivos da pesquisa e um breve direcionamento metodológico. Em seguida, a seção intitulada “A contação de história e sua importância”, aborda o surgimento da contação de história e seus principais conceitos, a contribuição da contação de história para as crianças.

Na terceira seção intitulada os “A Contação de História como Prática Pedagógica”, trata da contação de história e os/as professores (as), a contação de história em sala de aula e a inclusão na contação de história. Chegando assim na quarta seção que irá tratar “A presença da contação de história em uma escola especial de Codó”, sendo abordados os caminhos metodológicos da pesquisa, a prática pedagógica e a contação de história na escola; finalizando com as considerações finais.

2. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E SUA IMPORTÂNCIA NA VIDA DAS CRIANÇAS.

A seção está organizada em dois momentos, primeiramente será tratado sobre o surgimento e o conceito da contação de história. Partindo para o segundo momento que se caracteriza em relação às contribuições da contação de história para as crianças.

2.1 Surgimento da contação de história e seus principais conceitos

A contação de história é a primeira base de transmissão de conhecimentos, pois quando lemos para uma criança instigamos a imaginação e a percepção da criança sobre o imaginário e a realidade. Muitas mães grávidas contam histórias para seus bebês na barriga estimulando o afeto entre a criança e os pais.

É importante contar história para as crianças desde cedo, para ajudar a criança em seu desenvolvimento afetivo como em seu desenvolvimento cognitivo. As histórias estão caracterizadas em diferentes formas de se expressarem, as que possuem maiores chances de encantar as crianças são as histórias com contos de fadas.

Ao buscarmos a definição do termo contação de histórias chegamos a seguinte definição popular: “Ação de contar, de narrar, de dizer histórias, geralmente se refere a histórias que são contadas as crianças ou trabalhadas em sala de aula.” (DICIONÁRIO ONLINE DICIO, 2022). Ao pesquisar o termo no dicionário online da Universidade Federal do Maranhão, a professora Elisa Grossi² pontua a contação de história como uma arte. Ela trata o termo como a “... arte que pode ser desenvolvida por qualquer pessoa que aprecia narrativas, que queira se envolver com elas e que tenha voz e memória”.

Podemos observar a partir dos dois pontos de vista relacionados a palavra contação de história que tratam da maneira de fazer uma narrativa sobre uma história, independentemente de seus fins educativos. Sendo a do dicionário online mais resumida e da professora Elisa mais ampla e subjetiva. Nesta pesquisa nos pautamos na contação de história como uma arte milenar que todos (as) deveriam ter acesso desde criança.

O ato de contar histórias vem sendo praticado pela sociedade desde as primeiras comunidades, onde a prática de contar lendas ou histórias criadas era utilizada para passar conceitos, o modo de se comportar, pensar, trabalhar em sociedade como também havia a ideia de entretenimento aos ouvintes. Onde Bedran pontua: [...] o ato de

² Disponível <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/contacao-de-historias#:~:text=A%20contação%20de%20histórias%20é,que%20tenha%20voz%20e%20memória.>
Acesso em 22 de jun. de 2023

narrar significa um encontro de experiências transmitidas de indivíduo a indivíduo, de povo a povo, capaz de deixar impressos nas memórias das gerações elementos essenciais à vida em seus diversos momentos” (BEDRAN, 2012, p. 43 apud FERREIRA; OLIVEIRA, 2020, p 8).

De acordo com Busatto (2006, p.20) “o conto de literatura oral se perpetuou na história da humanidade através da voz dos contadores de história”. Um povo, com muitas histórias a serem contadas são os indígenas, pois suas tradições são passadas oralmente dos mais velhos para os mais novos.

[...] o pajé, que tinha só ele, os segredos da arte de dizer, deixou de ser um mero instrumento de diversão e encantamento popular, para ser depositário das tradições da tribo, as quais ele deveria transmitir às novas gerações para serem conservadas e veneradas através dos tempos (BUSATTO, 2006, p.17).

Nesse contexto, as histórias contadas são realizadas com fins que vão além de proporcionar aos ouvintes momentos de diversão, pois contribuem para uma preservação da memória cultural, ligado ao modo de comunicação das comunidades. Busatto (2006, p.25) pontua que “A contação de história ou narração oral ao sujeito que conta e ao sujeito que ouve um contato com outras dimensões de seu ser e de sua realidade que os cerca”, mantendo as tradições e costumes de quem contam e de quem ouvem.

Segundo o autor Busatto (2006, p. 24) “Até os nossos dias, de povos civilizados ou não, usa as histórias como veículos de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições ou difusão de novas ideias”. A contação possui uma herança da cultura dos povos de cada região, para ser passada para as crianças e seus descendentes, tornando essa prática como imortal, sendo utilizada por todos.

Mesmo com o surgimento de cinemas e a tecnologia virtual, a contação de história se mantém muito importante, como nos diz o autor Tahan (1996, p. 16), “a arte de contar histórias encanta crianças, adultos ricos, pobres, sábios e ignorantes, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias dando-lhes vida e cativando a atenção”.

O ato de contar história se desenvolveu através dos tempos possibilidades de reocupação com os significados em um mundo em que as crianças foram inseridas. Assim essa atividade pode auxiliar na aprendizagem delas apresentando suas características únicas de descontração, atenção, alegria entre todas as outras habilidades que fazem com que o aluno aprenda através do que está sendo passado para ele de uma maneira lúdica.

O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto criar asas e estimular a aprendizagem (ABRAMOVICH, 2003, p. 23).

Desse modo, quando se trabalha com crianças, as histórias se tornam uma possibilidade de tratar de conceitos e temas importantes de uma maneira acessível. Além disso, as histórias voltadas para o público infantil se destacam como uma importante aliada para o desenvolvimento das crianças.

2.2 A contribuição da contação de história para as crianças

A contação de histórias pode despertar a criatividade das crianças, pois seu contato frequente em ouvir história influenciará no seu desenvolvimento. As histórias que são ouvidas e faladas por elas irão possibilitar o desenvolvimento da oralidade das crianças, além de poder criar o hábito e o prazer pela leitura.

Ao estimular a oralidade consequentemente estimula à escrita, pois ao estimular a imaginação, também pode ser usada como uma prática pedagógica onde trabalha e exercita as habilidades da criança, fazendo com que possam identificar as ideias passadas pela história. Conforme a autora Fanny, (1995, p.17) citado por Santos (2014, p. 15):

[...] é através de uma história, que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir, ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo de história, geografia, filosofia política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula [...]

Na educação infantil, a contação de história é feita de forma que a leitura na sala de aula estimule o aluno no seu aprendizado. Assim além de estar propiciando a eles vários modos e formas de aprender, permite que tenham um ingresso muito maior no mundo da leitura.

Para contar uma história é preciso saber como se faz, afinal podem se descobrir sons e palavras novas, e por isso é importante que se tenha uma metodologia específica. É preciso que quem conte, crie um clima de envolvimento, de encanto, e saiba dar pausas necessárias para que a imaginação da criança possa ir além e construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar os seus dragões, adentrar pela sua floresta, vestir a princesa com a roupa que está inventando, pensar na cara do rei... e tantas outras coisas mais... (ABRAMOVICH, 2003, p. 20).

Podemos destacar a importância que a contação de histórias tem na formação e desenvolvimento das crianças, a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018, p.50) que pontua que o ato de “criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos” é um dos objetivos de aprendizagem no campo das experiências (Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação). Estimulando e ampliando a imaginação das crianças através da contação de história, desenvolvendo assim a sua oralidade e escrita, despertando o gosto pela leitura.

De acordo com Máximo-Esteves (1998, p.125):

O prazer que a criança tem de ouvir e contar histórias são um claro indicador de que a fantasia e a imaginação são muito importantes para ela conhecer e compreender. Ora as histórias são o modo mais corrente de integrar a cognição e a imaginação, a Educação Ambiental e a fantasia.

A contação de história na educação infantil pode despertar a curiosidade, desenvolver a autonomia e os pensamentos das crianças, pois proporciona uma vivência por parte de diversas emoções dos alunos como medo e angústias que podem estar ligados à sua história. Assim, poderá ajudar os mesmos a resolverem seus conflitos emocionais próprios, sendo muitas vezes um alívio de uma bagagem pesada que carrega internamente.

Assim, pode-se dizer que a história na educação infantil pode proporcionar uma ideia de como a criança pode se comportar quando se deparar com problemas, pois seus sentimentos podem ser vivenciados na pele dos personagens. Assim, vivenciando as aventuras propostas pelos autores, a criança embarca no mundo do conto, com muitas expectativas, tendo que fazer escolhas e tendo a possibilidade de ser entendida, superando problemas e aprendendo a lidar com os seus sentimentos (ARAÚJO, 2018).

A contação de história é um dos caminhos que possibilita aos/as professores (as) trazerem aos alunos para um contexto mágico, onde irão descobrir e aprender de uma forma divertida.

3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

Nesta seção vamos tratar da contação de história na prática pedagógica. No primeiro momento será tratado o seguinte tema, contação de história na escola, em sequência indo para a contação de história em sala de aula/ seguindo para a terceira subseção a inclusão na contação de história. Assim está sendo contextualizado esse momento da pesquisa, sendo postos essas subseções em seguida.

3.1 Contação de história na sala de aula

Os/As professores (as) e os contadores de histórias são considerados guardiões das palavras, pois eles estão possibilitando um recurso de conhecimento, onde através da narrativa dos docentes os movimentos se dão através da fala e da escuta entre as pessoas que são consideradas interlocutoras (DIAS; DIAS, 2015).

Assim, na arte da contação de história, o profissional que aplica o ato da leitura na educação, sendo em especial o/a professor (a), acaba convidando os alunos a expandirem o conhecimento que ocorre através da interdisciplinaridade e a observação da realidade a sua volta.

Nesse processo os/as docentes possibilitam um processo educativo de maneira alegre, que permite a presença da afetividade e da sensibilidade ao reconhecer não somente como educador mais como um eterno aprendiz. Segundo Freire “é preciso que o professor se reconheça como alguém que, ao mesmo tempo em que educa, é também educado, já que vive num círculo de relacionamentos” (FREIRE, 1989, p.17).

O ato de leitura das histórias deve ser tomado como um hábito diário na sala de aula, pois assim enriquecerá o vocabulário das crianças, favorecerá o aprendizado através das histórias, do ato de recontar e conversar sobre a temática proposta nos livros. Ou seja, o momento em que é trabalhado a contação de história não é apenas para a diversão ou para passar o tempo, são considerados momentos de aprendizagens, pois as crianças adquirem novos conhecimentos e acabam por despertar-se para um novo mundo.

O importante é que o professor no exercício da docência, em sendo um leitor, aprecie as peculiaridades das linguagens e, assim, passe essa paixão no processo de formação de leitores. É imprescindível que estas, efetivamente, consigam não somente distinguir a natureza das linguagens, mas também desenvolver o gosto pelo literário, pelo uso estético da linguagem, pelos efeitos estéticos da linguagem, pelos efeitos que ela produz na construção e

no enriquecimento da interioridade de cada leitor (ROSING, 2009, p. 134 apud SANTOS, 2014, p 18).

Assim, o compromisso com educação infantil em relação ao/a professor (a) é de transmitir saberes por meio da contação de história, enquanto um recurso metodológico pois trabalha com as necessidades básicas das crianças e se os pais ou responsáveis dos alunos tiverem o hábito de contar histórias para eles desde pequenos, acabam gostando de ler.

Os indivíduos que crescem ouvindo histórias se tornam leitores mais ativos no seu contexto e em sua trajetória acadêmica, levando essa prática para a vida toda. Eles irão descobrir ao longo de suas trajetórias a importância das histórias contadas para eles quando pequenos.

Sabemos que as experiências de contação de histórias propostas pelos educadores contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, demonstrando que o que está escrito pode ser trazido para sua realidade, tendo um incentivo à imaginação e da ampliação do conhecimento de seu mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis acabam por propiciar a familiaridade com livros, com seus diferentes contextos e gêneros literários, assim com sua diferenciação entre as ilustrações e a escrita da mesma (BNCC, 2018).

Os autores Araújo, Bravo e Rodrigues pontuam que (2014. p. 75)

[...] as narrativas em sala de aula são ótimas ferramentas para o desenvolvimento da subjetividade das crianças. O conto permite que esta experimente emoções, vivencie-as em sua fantasia, sem que precise passar pelas mesmas situações na realidade, além disso, a história oferece a criança uma nova forma de pensar sobre os seus sentimentos difíceis, sentimentos dolorosos ou intensos demais (como um luto, o nascimento de um irmão, a adaptação escolar, etc.).

Segundo Almeida (1995) é de suma importância que os/as professores (as) utilizem estratégias que facilitem a compreensão da história aos alunos, privilegiando a inserção deles na realidade ao permitir uma reflexão do seu mundo, por meio de uma educação lúdica.

[...] A educação lúdica é uma ação inerente na criança e aparece sempre como uma forma transacional em direção a algum conhecimento, que se redefine na elaboração constante do pensamento individual em permutações constantes com o pensamento coletivo [...] (ALMEIDA, 1995, p.11)

Através do lúdico existem diversas maneiras de envolver os alunos de uma maneira que seja eficaz para a realização das atividades, pois as brincadeiras são algo que vem das crianças, é uma forma de trabalhar as percepções, refletir e acabar

descobrimo sobre o mundo que está inserido, assim como as histórias que possibilitam uma reflexão do contexto da sua realidade de uma forma prazerosa. Como afirma Góes (1997, p. 18) apud Santos (2014, p. 17):

Privilegiar atividades com histórias e materiais literários tem, por certo, repercussões positivas para a criança. Pesquisas têm indicado que, na infância, as experiências com narrativas, em vários contextos, são instâncias de refinamento da cognição.

Os/As professores (as) podem utilizar de diversos recursos e maneiras para realizarem esta prática como: uma história contada; histórias lidas com o auxílio do livro; com desenhos; com recortes; painéis; teatro de sombras; fantoches entre outras maneiras (SILVA, 2021). Quando se deparam com uma dificuldade na hora da contação, podem adaptar a história para garantir o entendimento pelos alunos.

Vale ressaltar o que Sisto pontua:

Algumas vezes, é preciso fazer recortes do texto, para torná-lo possível de ser contado, colocando-o numa extensão suportável para o espectador. Essa 'montagem' do texto, visando sua apresentação oral, não pode ferir o entendimento do texto nem o estilo do autor (SISTO, 2012, p. 61)

Sisto (1992, p. 43) apud Santos (2014, p. 19) acabar por destacar o que se é preciso para poder preparar tal momento.

Aprender uma história para contar é como construir um filme. Temos que visualizar mentalmente cada coisa que vai sendo contada. Seremos capazes de recontá-la de memória sem que tenha sido preciso decorá-la. Seleccionamos os gestos e as vozes que serão utilizados como continuadores da palavra, [...]. A palavra, por sua própria força, demanda gestos e expressões que surgem de forma orgânica, como continuidade, nunca como ruptura. [...] Um contador de histórias é também um agente de sua língua. Por isso a correção, a clareza, a eliminação de vícios de linguagem e a preservação da literalidade do texto, mesmo numa fala cotidiana, devem fazer parte de suas preocupações.

Sendo assim, um contador de história precisa ter uma habilidade que é de resumi-la, de uma forma que ela mesma não perca a sua ideia e o seu contexto a sua principal essência, onde são as características do autor que possa ter escrito com o seu clímax. O autor Filho (2009, p. 63-64) também deixa uma grande contribuição sendo:

Assim, a perspectiva pedagógica para a pesquisa-ensino de literatura infantil tem como objetivo voltar a atenção de futuros profissionais da educação para sua diversidade, no sentido de que um livro pode ser aplicado em atividades lúdicas, artísticas e como importante aliada das práticas docentes que envolvem o ler, o escrever e, principalmente, o desenvolvimento de posturas investigativas e críticas do aluno, pois ensinar a pensar é também uma das funções mais importantes da escola.

As grandes contribuições dos/das professores (as) na realização de uma prática pedagógica são realizadas de uma maneira diferente, ou seja, desenvolvendo várias habilidades nos alunos e fazendo com que o seu trabalho seja realizado de uma maneira dinâmica e divertida.

Por meio da Contação de histórias infantis e dos contos de fadas, temos a oportunidade de representar papéis e cenas do cotidiano, tomando posições e solucionando problemas de forma livre, sem a intervenção das pressões da realidade, podendo experimentar outras formas de ser e pensar. Isso possibilita a criança inventar seu próprio mundo, descobrindo respostas as necessidades infantis, sendo utilizadas de forma fantasiosa revelando situações que levam liberar a imaginação, ao pensamento e ao desenvolvimento pessoal, reconhecendo suas emoções, possibilitando nova vivências relevantes para o processo de alfabetização (BRASIL, 1998 apud ARAÚJO; BRAVO; RODRIGUES, 2014, p. 74).

O/A professor (a) tem que usar de várias táticas ou métodos para poder desenvolver o hábito de leitura e escuta de história nas crianças para que futuramente os alunos possam se tornar leitores que compreendem e interpretam o que foi e está sendo lido. Dessa forma serão leitores que estarão conscientes de que a leitura surgiu através do que ouvimos e assim esse ouvir acaba estimulando os mesmos que podem se tornarem agentes repassadores dos contos para outras pessoas.

Diante disso, os (as) docentes e educadores devem ter consciência da importância do papel da leitura na vida de uma criança. Segundo Ziraldo (1988, p. 27) apud Bandeira (2019, p. 3): “[...] a tônica da escola deveria ser a leitura, num trabalho que fizesse do hábito de ler uma coisa tão importante quanto respirar”.

Segundo Prieto (1999, p. 41):

Em plena virada de milênio, quando o professor se senta no meio de um círculo de alunos e narra uma história, na verdade cumpre um desígnio ancestral. Nesse momento, ocupa o lugar do xamã, do bardo celta, do cigano, do mestre oriental, daquele que detém a sabedoria e o encanto, do porta-voz da ancestralidade e da sabedoria. Nesse momento ele exerce a arte da memória.

Podemos perceber segundo Prieto (1999) que a importância da leitura é percebida num grupo de estudantes e contadores de história. No momento da leitura o professor está cumprindo um desígnio ancestral, onde nesse caso ele será o contador. Ele assume o papel do xamã, do bardo celta, do cigano, do mestre oriental, daquele que possui a sabedoria e o encantamento, do porta-voz da ancestralidade e da sabedoria. Nesse momento, ele exerce a arte da memória.

Campbell (2005) trata de contar e encenar histórias, como um princípio de sobrevivência nos tempos passados, sendo passado para justificar fenômenos, em tempo que não havia escrita ainda, mas tendo como um de seus apoios trabalhar a capacidade de ouvir os outros e se expressar.

3.2 A inclusão na contação de histórias

Infelizmente, nem todas as crianças têm acesso ao livro e às suas histórias. Podemos destacar o público da educação especial que fica a margem dos direitos de uma educação pública de qualidade preconizada na Constituição Federal de 1988 em seu artigo 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (BRASIL, 1988).

O acesso à educação das pessoas com deficiência se estende por muitos anos. No século XX, nos anos de 1932 (Associações Pestalozzi) e 1954 Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAES), houve a criação de instituições para atender pessoas com deficiência intelectual. Dona Helena Antipoff criou a Sociedade Pestalozzi no Brasil, que defendia o trabalho com crianças com deficiência. A primeira APAE foi criada em 1955 a partir de um modelo igual aos Estados Unidos (FEDERAÇÃO DAS APAES DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 2016).

No Brasil, as primeiras escolas especiais surgiram na segunda metade do século XIX e eram para crianças cegas e surdas. Depois, no início do século XX e nos anos 1950, muitas escolas especiais foram criadas, como a Fundação Pestalozzi (BUENO, 2011).

O Movimento Pestalozziano começou no Brasil em 1926, em Porto Alegre, com a criação do Instituto Pestalozzi de Canoas, no Rio Grande do Sul, pelo Professor Thiago Würth. Ele criou o Instituto com o objetivo de atender as pessoas com dificuldades de aprendizagem. Em 1928, o mesmo educador fundou a Sociedade Pedagógica Pestalozzi. (NASCIMENTO; ALVES, 2016)

A Associação Pestalozzi foi fundada em Codó, Maranhão, no dia 22 de maio de 1978. Atualmente, a escola possui 107 alunos no período matutino e 133 no período vespertino, totalizando 240 alunos, com idades entre 03 e 50 anos de idade, com as

seguintes deficiências: autismo, deficiência visual, deficiência auditiva e síndrome de down³.

A maioria dos deficientes viviam/vivem em suas residências, junto às suas famílias, ou em instituições totalmente excludentes. Não tinham voz, sendo apenas merecedoras de caridade. Eram considerados como seres inferiores, que, devido às suas deficiências, não tinham o direito à cidadania nem usufruíam os poucos direitos adquiridos. Após diversos movimentos e lutas, os direitos dos deficientes estão sendo conquistados.

Podendo ser percebido na Lei Nº 13.146 de 6 de julho de 2015 que diz em seu artigo 1º:

É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. (BRASIL, 2015)

Onde é um documento que está abordando Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), ou seja, um documento com suas nomeações e qualificações todas voltadas essas pessoas, enquanto direito a todas as pessoas.

A palavra "incluir" tem vários contextos, segundo Sartoretto (2008), onde nada será possível se não houver consideração pela diferença. Uma das palavras que ele aborda é "fazer parte", como isso será alcançado se não houver respeito, como também medidas que possibilitem que continue.

Diante do direito de todas as crianças, independente das suas diferenças, a participação ativa dos momentos de leitura na escola, é necessário que seja disponibilização condições de acessibilidade.

A escola deve disponibilizar recurso e tecnologia assistiva, a fim de promover condições de acessibilidade, segurando, assim, plena participação e possibilidade de aprendizagem às crianças com deficiência em igualdade de oportunidade com as demais crianças (BRASIL. Ministério da educação, 2012, p. 08)

Pensando assim em recursos e serviços que podem ser adquiridos para fins educativos, considerando essa ideia as histórias contadas acabam por trabalhar e auxiliar

³ Vale ressaltar que a escola possui duas turmas de Educação de Jovens Adultos e Idosos (EJAI), atuando no turno noturno, trabalhando com as seguintes séries 1ª ao 5ª dos anos iniciais.

a desenvolver várias habilidades como o cognitivo, emocional e o intelectual da criança. As autoras Capellini, Machado e Sade (2012) elucidam que:

[...] para que o processo educativo ocorra no intuito de auxiliar as crianças a desenvolverem-se com equilíbrio emocional, encontra-se dentre outros fatores, que os contos de fadas indicam um caminho mágico pelo qual a criança pensa e experimenta o mundo; por essa razão, os contos de fadas são tão convincentes para ela já que pode obter um consolo muito maior de um conto de fadas do que de um esforço para consolá-la baseado em raciocínio e ponto de vista adulto (CAPELLINI; MACHADO; SADE, 2012, p.162).

Silva (2011) acaba por explicar que quando as escolas brasileiras trabalham com a leitura nas perspectivas de práticas sociais dos cotidianos das crianças, estão assim promovendo a inclusão social de todos os estudantes e dando uma condição para haver um pleno exercício da sua cidadania. A contação de história acaba tornando-se um apoio para o ensino – aprendizagem dos mesmos, percebendo assim que o ato de contar histórias estimula a imaginação e ajuda na compreensão.

Na Educação Especial sendo trabalhadas dentro e fora da sala, as histórias infantis podem ajudar os alunos a entenderem sobre a fauna e flora por exemplo sendo que a escola fica próximo um rio. Desse modo pode ser usado como suporte árvores e plantas que eles possuam em casa ou que encontrem no caminho, como os animais vivem, o que comem e onde vivem.

A prática da leitura é essencial ao ser humano. Freire (1996) pontua que a leitura do mundo antecede a leitura das palavras, ou seja, trabalhamos com a leitura dentro do contexto das crianças antes de nos preocuparmos com a leitura das palavras escritas.

Desse modo a leitura possui um importante papel durante todo o crescimento do individual, sendo intelectual ou social de cada pessoa, além das habilidades que acabam por serem adquiridas durante o desenvolvimento sendo o senso crítico e a criatividade, a imaginação, empatia, entre outros.

4 A PRESENÇA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM UMA ESCOLA ESPECIAL DE CODÓ

A seção foi organizada da seguinte maneira, primeiramente os caminhos metodológicos da pesquisa, o campo de pesquisa e seus participantes, para depois apresentar a prática pedagógica e a contação de história na escola investigada, trazendo os resultados da pesquisa.

4.1 Caminhos metodológicos da pesquisa

A pesquisa se pautou na abordagem qualitativa, pois esta exige um estudo amplo sobre o objeto de pesquisa, considerando todo o seu contexto, onde está inserido e quais são as características da sociedade que pertence a ele. Segundo Minayo (2001, Pag. 21): a pesquisa qualitativa responde as questões particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado.

Segundo Ludke e André (1996) a pesquisa qualitativa tem cinco características básicas:

- a) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; b) os dados coletados são predominantemente descritivos; c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; d) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; e e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Assim toda pesquisa tem suas características básicas para dar um norteamento de como deve ser realizado o trabalho, assim partindo para a descrição, Minayo (2001, p. 16) descreve sobre a investigação de pesquisa “Toda investigação se inicia por um problema com uma questão, com uma dúvida ou com uma pergunta, articuladas a conhecimentos anteriores, mas que também podem demandar a criação de novos referenciais”.

Sendo assim no primeiro momento da pesquisa ocorreu a escolha do tema, juntamente com o local onde iri acontecer à pesquisa, fazendo estudos acerca da temática com autores que tratam do tema, definindo assim os parâmetros que aconteceriam na realização do trabalho.

Para isso, a princípio desenvolveu-se uma revisão de literatura no google acadêmico, sendo realizado uma pesquisa sobre estudos a partir das palavras-chave: contação, contação de histórias, com um recorte temporal de 2011 a 2022, buscando estudos relacionados. Considerando o número grande de artigos selecionados, houve a

necessidade de uma delimitação dos textos encontrados através do recorte do título e resumo. Assim possibilitando uma redução na pesquisa, sendo selecionados quatro trabalhos, todos no contexto da educação.

Os textos selecionados foram dos autores Santos (2014), Rodrigues (2011), Mateus et. al. (2013), Souza, Bernardino (2011) escolhidos após uma análise de seus trabalhos relacionados ao tema desta pesquisa como também de outros pesquisadores. Os artigos que deram base a este trabalho tratam da perspectiva da contação de história em diferentes contextos, onde o/a professor (a) sempre é aquele que faz a mediação entre a contação de história e a criança, sendo visto como uma fonte de apoio no desenvolvimento e interesse da criança pela leitura, que ocorre dentro da sala de aula.

Além dos artigos, nos utilizamos como aporte teórico Busatto (2006), Abramovich (2003), Tahan (1996), Sisto (2012), Lajolo (1989) entre outros que discutem a temática da contação de histórias. Todos os estudos possuem temas que se aproximam da pesquisa realizada, porém, o contexto específico de uma escola especial da cidade de Codó apresenta um estudo com suas próprias características considerando a realidade dos participantes da pesquisa.

Em segundo momento realizou-se uma pesquisa de campo em uma Escola Municipal de Educação Especial de Codó-Maranhão. Segundo Gonsalves (2001).

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...] (GONSALVES, 2001, p.67)

A Escola Lalá Ramos, também conhecida como Associação Pestalozzi, fica localizada no centro da cidade de Codó, Maranhão, podemos observar a fachada da escola na Foto 01. A instituição escolar tem como finalidade atender aos alunos do público da educação especial oferecendo um atendimento educacional especializado. A escola também atende a comunidade oferecendo algumas assistências como a realização do teste do pezinho entre outras ações.

Foto 01: Escola Lalá Ramos



Fonte: Google Maps⁴. (2023)

A escola se encontra em um caráter de instituição filantrópica, pois não possui fins econômicos, possuindo assim parcerias com outras instituições e a prefeitura para seu funcionamento e andamento de suas atividades. Até o momento a Pestalozzi é o centro especializado da cidade, atendendo os alunos com deficiência e/ou transtornos.

Em relação à infraestrutura da escola, ela possui uma quantidade de 9 salas funcionando pela manhã, sendo salas que comportam uma quantidade boa de estudantes com uma média de 15 alunos por sala de aula, sendo caracterizados em média.

A escola possui um espaço em sua frente como podemos ver na Foto 1, adentrando a escola há um pátio que serve como corredor para as salas de aula ao lado, no final uma pequena quadra para realização de atividades como educação física. Possui dois banheiros sendo um masculino e um feminino, ambos adaptados para os alunos, como também para os profissionais da escola, cabe ressaltar que a escola possui uma sala de informática, uma cantina, a secretária e uma sala destinada a fazer teste do pezinho em recém-nascidos, pois a escola oferece este atendimento em seu estabelecimento.

A Pestalozzi possui 29 professores (as) e 9 funcionários que trabalham durante horários alternados. Foram convidados a participarem da pesquisa os/as professores (as) do turno matutino, a escolha do turno se deve ao fato do Projeto Alfabetização e Letramento na Educação Especial⁵ funcionar neste horário.

⁴<https://www.google.com.br/maps/@-4.4537403,-43.8828287,3a,75y,176.6h,83.12t/data=!3m6!1e!3m4!1sA3MOZGzQZTPmtLw7YGfq9g!2e0!7i16384!8i8192?entry=ttu> Acesso em: 10 de mai. 2023

⁵ O projeto, coordenado pela profa. Dra. Cristiane Dias Martins da Costa, funciona na Associação Pestalozzi desde 2011 tendo como principal ação a contação de história. Participo do projeto a três anos, mas o ano de 2022 foi utilizado como campo de pesquisa.

A princípio a técnica escolhida foi uma entrevista semiestruturada, mas tendo em vista os argumentos e solicitações dos/das professores (as) em levarem as perguntas para responderem em casa, reorganizamos o instrumento para atender às solicitações. Assim, foi organizado um questionário com 14 perguntas, 13 questões abertas e 1 fechada, que foi entregue aos 14 professores (as) do turno matutino, tendo a devolutiva de apenas seis professoras (Apêndice A). O objetivo do questionário foi verificar o uso da contação de histórias em sala de aula. Segundo Ribeiro:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistados. (RIBEIRO, 2008 p.141)

Outro instrumento utilizado foi o caderno de campo usado durante o ano de 2022 ao longo da participação das contações de histórias que aconteciam semanalmente na escola e na participação em sala de aula sendo realizadas observações com anotações.

Desse modo as professoras estão nomeadas com nomes de personagens fictícios, onde estará sendo usado os nomes Elena, Caroline, Katherine, Bonnie, Rebekah e Hayley, sendo todas personagens femininas juntamente como as respostas adquiridas que foram somente de professoras.

O caderno de campo é uma das ferramentas utilizadas durante uma pesquisa de campo, portanto é essencial que ele contenha um registro completo de todas as ações realizadas e observações feitas. É importante incluir esboços, descrições e comentários completos para esclarecer as notas.

Por fim, no terceiro momento foi feita uma análise dos dados obtidos através da pesquisa com os/as professores (as) dentro da instituição escolar, assim como foi feita a análise do caderno de observação das ações desenvolvidas pelo Projeto durante o ano letivo de 2022 na escola.

4.2 A prática pedagógica e a contação de história na Pestalozzi

A pesquisa foi realizada na Associação Pestalozzi de Codó com a participação de seis educadores que atuam em sala no turno matutino. Como já mencionado, a pesquisa de campo aconteceu durante a participação no Projeto Alfabetização e Letramento na Educação Especial ao longo do ano letivo de 2022. Os/As professores

(as) do turno matutino foram convidados a responderem um questionário com sete perguntas introdutórias para conhecer o perfil docente e sete perguntas específicas a temática investigada⁶.

Quadro 1: Perfil dos participantes

NOME	FORMAÇÃO	TEMPO ATUAÇÃO	TEMPO PESTALOZZI	TURMA	ALUNOS NA SALA
Professora Elena	Licenciatura em Ciências Humanas História	2 anos e 7 meses	2 anos e 7 meses	3 ^a , 4 ^a , 5 ^a anos	35 alunos
Professora Caroline	Graduada em Matemática e Pós em Psicopedagogia	24 anos	12 anos	5 ^a ano	13 alunos
Professora Katherine	Pedagogia	24 anos	14 anos	2 ^a ano	14 alunos
Professora Bonnie	Pedagogia e Biologia	22 anos	15 anos	2 ^a ano B	17 alunos
Professora Rebekah	Pedagogia	30 anos	21 anos	2 ^a ano C	14 alunos
Professora Hayley	Licenciatura em Educação Física	10 anos	10 anos	Todos do turno matutino	

Fonte: Lucas Paulo Carneiro da Silva (Arquivo Pessoal)

Considerando o perfil dos participantes, observamos que todas são do sexo feminino, das seis professoras, uma possui formação em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas História, outra com formação em Graduação em Matemática e Pós-Graduada em Psicopedagogia, duas com formação em Pedagogia, uma com formação em Pedagogia e Biologia e outra com formação em Licenciatura em Educação Física.

Apesar das professoras possuírem o ensino superior completo, podemos observar que a uma defasagem com relação a profissionais da área de pedagogia na escola, pois por lei os anos iniciais do ensino fundamental devem ser instruídos por um profissional que possua a formação em pedagogia como estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Art. 62.

⁶ As perguntas foram elaboradas para atender a duas pesquisas sendo “A PRESENÇA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS PRÁTICAS DOS DOCENTES DA ASSOCIAÇÃO PESTALOZZI DE CODÓ” de Lucas Paulo Carneiro da Silva e a outra pesquisa “A LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: perspectiva dos docentes da Associação Pestalozzi de Codó, Maranhão” de Krysman Felix da Silva.

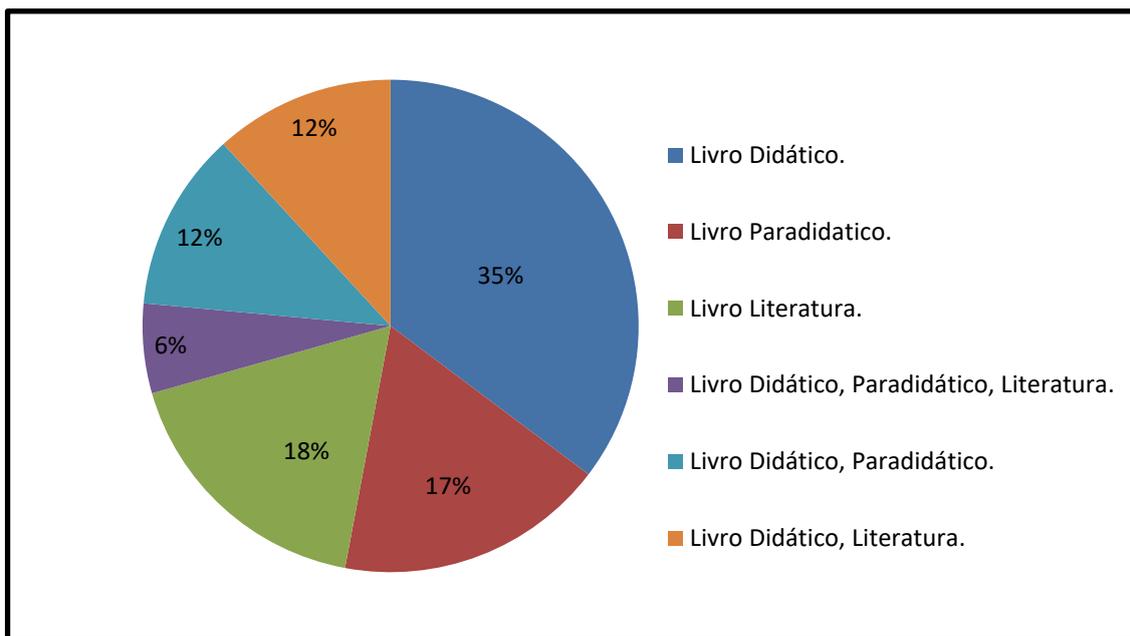
Art. 62. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional. (BRASIL, 1996)

Podendo ser percebido que algumas das professoras possuem uma formação diferente da pedagogia que seria essencial para trabalhar nos anos iniciais do ensino fundamental.

Em relação ao tempo de atuação, com exceção de uma docente, todos possuem mais de vinte anos de atuação docente, sendo mais de dez anos na Associação Pestalozzi. A professora mais recente tem dois anos e sete meses de atuação docente, sendo sua primeira experiência na Pestalozzi.

As turmas têm em média 15 alunos, um número aparentemente menor se justifica pela necessidade de um atendimento educacional especializado e individualizado com os alunos. Se destaca a quantidade de 35 alunos indicados pela professora Elena, que se justifica pelo fato de a professora trabalhar em três turmas distintas.

A princípio para não direcionar as respostas, buscamos verificar quais as principais atividades que envolvem a leitura na rotina do docente. Além de buscar identificar quais principais livros utilizados, apresentamos como opções os livros didáticos, paradidáticos e o de literatura. Desse modo os seguintes gráficos e quadros tratam das respostas das professoras sobre como é utilizado e como eles trabalham com a leitura dentro da sua rotina escolar.

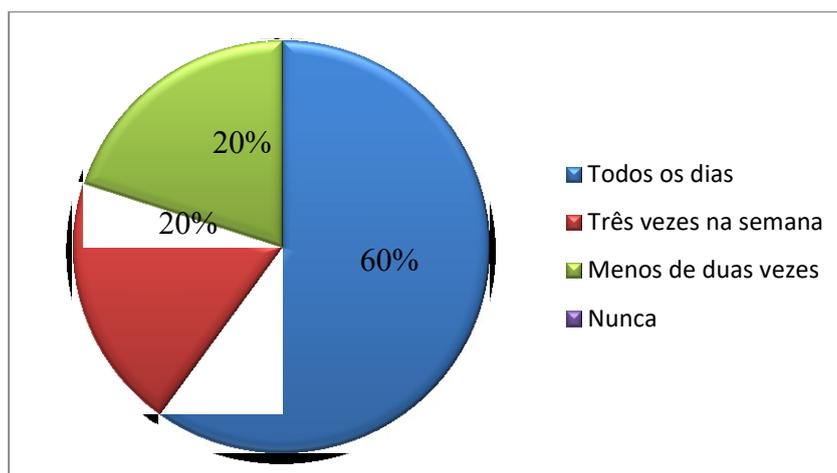
Gráfico 1 - Livros utilizados em sala de aula

Fonte: Lucas Paulo Carneiro da Silva (Arquivo Pessoal)

Conforme o Gráfico 1, podemos perceber que a opção que teve um maior número de resposta foi o livro didático com um total de 6 respostas totalizando 35% das respostas, demonstrando assim que o uso do livro didático é o instrumento mais presente em sala. Em seguida, temos o Livro de literatura com 18% e o Livro Paradidático com 17%, sem consideras as professoras que indicaram mais de uma opção.

Com uma porcentagem de 6% houve apenas 1 resposta com a utilização dos 3 livros em sua sala de aula. Além de duas respostas que indicaram o uso do Livro Didático e Paradidático, e duas com Livro Didático e Literatura, ambos tiveram a porcentagem de 12% de indicação pelas professoras na utilização dos livros em sala.

Partindo da análise, verificamos que o livro mais utilizado em sala é o livro didático. Entretanto, como nosso interesse são as histórias contadas, buscamos verificar a frequência que os livros (didático, paradidático e literatura) são utilizados em sala de aula. Assim, foi questionado quantas vezes cada livro é trabalhado ao longo da semana. Primeira análise será realizada sobre o livro didático, podemos perceber que terá o maior número de resposta pelo fato de ser exigido dentro do sistema escolar. O Gráfico 2 trata da frequência do livro didático em sala de aula.

Gráfico 02: Livro Didático

Fonte: Lucas Paulo Carneiro da Silva (Arquivo Pessoal)

Como observado a maioria das professoras respondeu que utilizam do livro didático diariamente, totalizando um total de 60%, a porcentagem de 20% respondeu que utiliza três vezes na semana e outros 20% utilizam menos de duas vezes na semana. Observa-se que a variação das respostas, pode ser justificada pela área de atuação do docente, ou seja, tem uma variação por conta da disciplina que pode ser exigida a utilização do livro diariamente ou não.

Vale ressaltar que durante as observações no Projeto, não observamos na prática o uso frequente do livro didático, tendo em vista as dificuldades que os alunos encontram em relação ao domínio da leitura e da escrita. São poucos alunos alfabetizados nas turmas do 1º ao 5º ano. Dessa forma, sendo o livro didático considerado por algumas professoras inadequados para o nível de aprendizado dos alunos.

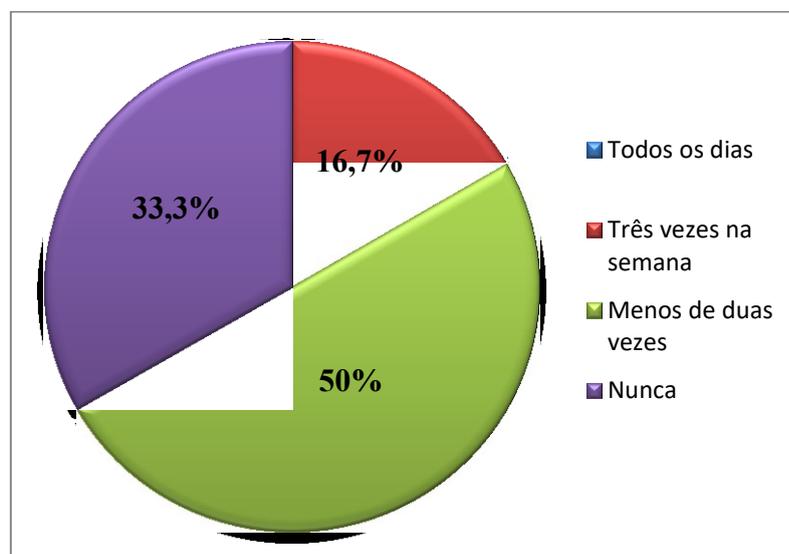
O segundo livro a ser verificado a frequência em sala de aula foi o paradidático.

Os livros paradidáticos surgem como uma complementação e não como substituição do livro didático. Proporciona o desenvolvimento de um estudo baseado nos aspectos históricos, sociais e culturais que circundam o tema em estudo, levando tanto o corpo discente como docente a explorar uma realidade muitas vezes desconhecida. Neste sentido, esses livros apresentam-se como um recurso de extrema importância no ensino... (SOUZA, 2013, p. 3)

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os livros paradidáticos têm como objetivo proporcionar aos educadores a oportunidade de

desenvolver projetos que atendam a princípios como bondade, amizade, respeito, honestidade, entre outros.

Gráfico 03: Livro Paradidático



Fonte: Lucas Paulo Carneiro da Silva (Arquivo Pessoal)

Analisando as respostas do Gráfico 3, observamos que nenhuma professora utiliza os livros didáticos todos os dias; metade indicou que utiliza menos de duas vezes por semana; 33,3% por cento que marcaram que não utilizam do livro paradidático em sala; e um pequeno percentual de 16,7% que marcaram que utilizam mais de três vezes durante a semana. Apesar de pouco usado o paradidático tem uma função importante na escola que é de trabalhar alguns conteúdos de uma forma mais dinâmica, uma vez que se apresentam a partir de uma história.

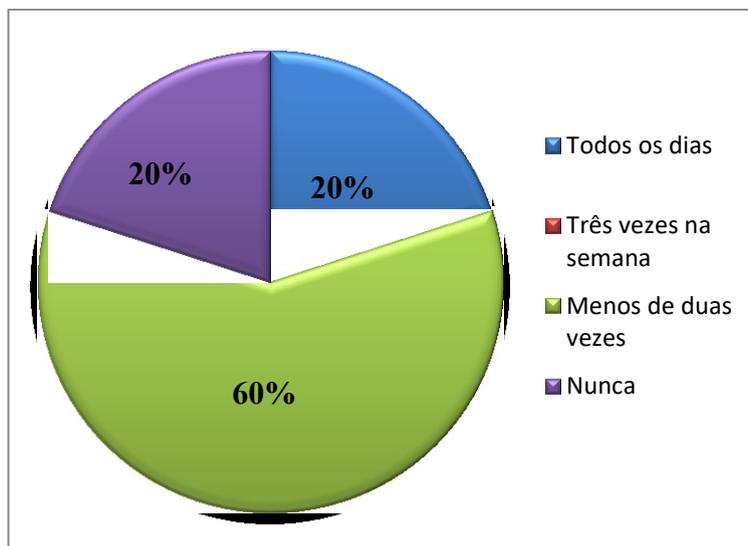
Podemos dizer que o livro didático e o paradidático têm objetivos parecidos, ao trabalhar com conteúdos em sala de aula, a diferença se apresenta no formato que os conteúdos são apresentados pelos livros.

Durante o processo de aprendizagem para que os estudantes consigam alcançar novos saberes é preciso que se tenha um conhecimento prévio e que tenha um significado, pois todos possuem conhecimento, segundo os pensamentos de Freire (1987, p. 68) o que acontece é uma troca entre o (a) professor (a) e o aluno, “[...] o educador já não é o que apenas educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”.

Nessa perspectiva, questionamos sobre o uso do livro de literatura em sala de aula. Acreditamos que a literatura é uma grande aliada no processo educacional, Lajolo

(1989) fala que é o mundo do possível, pois além de conseguir fazer o possível acaba por encantar o ouvinte, sendo utilizada como entretenimento em maior parte do tempo, não precisando está necessariamente ligado a realidade.

Gráfico 04: Livro Literatura.



Fonte: Lucas Paulo Carneiro da Silva (Arquivo Pessoal)

Na análise do livro de literatura dentro da sala de aula, podemos contabilizar que 60% dos docentes marcaram que usam menos de duas vezes na semana, ocorrendo valores igualitários de 20% por cento em dois quesitos, sendo nunca e o outro todo dia. Tendo em vista a importância da literatura na formação dos alunos, consideramos pequena a da literatura dentro da sala de aula.

Desse modo, ressaltamos a importância da contação de histórias tanto para crianças, como para adultos. As histórias contadas ou compartilhadas proporcionam uma reflexão sobre a situação da sociedade e dos indivíduos que compartilham as leituras, pois adquiriram um conhecimento mais amplo sobre o mundo a sua volta despertando a criatividade, onde consequentemente buscam realizar novas leituras:

O importante é perceber o livro como um objeto para que a criança reflita sobre sua própria condição pessoal. Deve-se deixar que a criança tenha com a literatura um contato misto de conhecimento e paixão, pois a literatura se vivencia compartilhando (SILVA; PAULINELLI, 2017, p. 03)

Desse modo é importante perceber a importância da utilização do livro de literatura em sala de aula. Considerando que apenas 20% dos (as) participantes

indicaram usar o livro de literatura todos os dias, buscamos conhecer quais as atividades que envolviam a leitura em sala de aula, como demonstrado no Quadro 2.

Quadro 2: Rotina escolar

Pergunta	Quais são as principais atividades que envolvem a leitura na sua rotina escolar
Professora Elena	Quando vão ao quadro durante a leitura dos pequenos textos presente nas atividades de sala.
Professora Caroline	Conversa descontraída, para estimular a antecipação do conteúdo do texto e aguçar a curiosidade pela leitura e, posteriormente, conferir as hipóteses levantadas; Leitura de imagem, seguida de conversa sobre o tema explorando “O que vejo” e “O que eu sei”; Reconto da história com suas próprias palavras; Atividades mudando o final da história; Atividades com histórias em quadrinhos, etc.
Professora Katherine	Na roda de conversa.
Professora Bonnie	Lúdicos, fantoches.
Professora Rebekah	Nós trabalhamos com musica, historia, rodas de conversa, dinâmicas, brincadeiras, jogos e livros didáticos.
Professora Hayley	

Fonte: Lucas Paulo Carneiro da Silva (Arquivo Pessoal)

Podemos perceber que cada professora trabalha de uma maneira diferente a leitura com os alunos, sendo que apenas dois indicaram as histórias como uma das atividades principais. As participantes de maneira geral indicam as atividades de leitura em sala a partir das atividades do livro didático, rodas de conversas, brincadeiras e atividades lúdicas.

Percebemos que todas utilizam de uma maneira diferente a leitura na sua rotina, umas de uma maneira mais elaborada como uma sequência que pode ser trabalhada durante um dia todo sendo toda estruturada, ou em pequenos momentos sendo antes da aula ou depois dela. Vale ressaltar que a participante Hayley é a professora de Educação Física, por isso não respondeu algumas questões.

Masetto (1997) aponta, que na sala de aula o/a professor (a) possui autonomia para buscar estratégias para trabalhar dentro da mesma, visando assim a participação dos estudantes durante o seu processo de aprendizagem. Tendo em vista o foco da

investigação, buscamos verificar como ocorre os momentos de contação de histórias em sala de aula

Quadro 3: Utilização da contação de história

Pergunta	Como geralmente ocorre os momentos que utiliza da contação de histórias na sua sala de aula?
Professora Elena	Quando trabalho datas comemorativas, fazendo roda de conversa
Professora Caroline	Através de roda de conversa, teatro e outros.
Professora Katherine	Sempre prestam atenção.
Professora Bonnie	Alguns critérios devem ser seguidos como: livros com poucos texto, linguagens simples e maior número de ilustração.
Professora Rebekah	Eles ficam muito felizes, atentos, curiosos, eles interagir bastante.
Professora Hayley	

Fonte: Lucas Paulo Carneiro da Silva (Arquivo Pessoal)

Ao analisar o quadro acima com a respectiva pergunta “Como geralmente ocorre os momentos que utiliza da contação de histórias na sua sala de aula?”, percebemos que quase todas as professoras possuem uma maneira diferente de ministrar esses momentos em suas salas de aula.

A participante Elena indicou trabalhar com a contação de histórias nas datas comemorativas. Professoras Katherine e Rebekah não indicaram como ocorre os momentos de contação, mas indicaram ser momentos que os alunos gostam. Já a Caroline e Bonnie quando vão utilizar desses momentos possuem alguns critérios como um livro, que possua abertura um diálogo sendo as rodas de conversa, para que desse modo possam se expressar também dando suas opiniões sobre o que foi trabalhado.

Considerando que as contações de histórias que foram acompanhadas ao longo da pesquisa de campo aconteciam a partir de obras de literatura, questionamos as professoras sobre a importância da literatura para a aprendizagem dos estudantes? No caso específico de 2022, as escolhas do Projeto Alfabetização e Letramento na Educação Especial partiram de livros de literatura infantil que valorizam a cultura afro-brasileira. As histórias eram contadas semanalmente no pátio da escola para todos os alunos as quartas-feiras no início da aula.

Seguindo para o Quadro 4, podemos perceber algumas respostas relativa ao questionamento da importância da contação de história e do trabalho com a literatura como instrumentos que podem facilitar a aprendizagem dos estudantes.

Quadro 4: A Literatura Infantil como meio facilitado no ensino aprendizagem

Pergunta	Na sua opinião, qual a importância de trabalhar com a contação de história para o processo de ensino aprendizagem do aluno?
Professora Elena	É uma ferramenta muito importante pois ajuda as crianças a assimilar melhor o conteúdo.
Professora Caroline	É uma ferramenta importante para o desenvolvimento da criança, despertando pequenos leitores e estimulado para o mundo da imaginação
Professora Katherine	Muito importante para o desenvolvimento do racional dos alunos.
Professora Bonnie	Contação de histórias é um poderoso instrumento para transmitir conhecimento e viajar na imaginação
Professora Rebekah	É muito importante eles se conhecem mais com autonomia, eles conhecem os fatos das histórias e eles entendem mais a vida
Professora Hayley	A contação de história é muito importante para o processo de ensino aprendizagem dos alunos, pois eles aprendem através das historias contadas.

Fonte: Lucas Paulo Carneiro da Silva (Arquivo Pessoal)

O Quadro 4 mostra que todos (as) apresentaram respostas positivas em relação a importância da contação de histórias em sala de aula. A Professora Caroline, por exemplo, pontua que a contação de histórias é uma ferramenta importante no desenvolvimento das crianças entrando no mesmo viés que a professora Elena.

Desse modo podemos perceber que as professoras Katherine, Bonnie e Rebekah a contação é importante, pois além de proporcionar um mundo de imaginação, ainda ajuda no processo de ensino de seus alunos sendo pontuado como fatos históricos, além de compreender a vida através desse modo de ensino.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI, 1998, p. 143):

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da

subjetividade e da sensibilidade das crianças. (BRASIL, RCNEI. 1998, p. 143).

Podemos perceber na fala da docente Hayley que os alunos aprendem através das histórias que são contadas também, o que nos reforça a dizer que não precisamos trabalhar somente com o formato tradicional de ensino, pautado nas cópias e repetições. Freire (1987) denomina este ensino como sendo uma educação bancária, que visa ter os alunos somente como reprodutores do conhecimento. Ao contrário do que preconiza essa educação, Curto et. al. (2000) explicam que se deve estimular e motivar os alunos a aprendizagem através de um ensino que tenha significado.

Considerando o público-alvo da Associação Pestalozzi, perguntamos se os professores (as) acreditam que o trabalho com a literatura infantil pode facilitar a aprendizagem dos alunos da educação especial e de que maneira?

Quadro 5: A Literatura Infantil aprendizagem dos alunos da educação especial

Pergunta	Você acredita que o trabalho com a literatura infantil pode facilitar a aprendizagem dos alunos da educação especial?
Professora Elena	Sim. Por que quando se utiliza livros ilustrativos, por exemplo, prendem mais a atenção dos mesmos, tornando a assimilação do conteúdo trabalhado mais prazerosa.
Professora Caroline	Quando aliados às atividades de sala de aula, os livros infantis podem facilitar o processo de aprendizagem, tornando a assimilação do conteúdo mais efetiva. Ao falar sobre um evento ou personagens histórico, por exemplo, o (a) professor (a) pode busca livros infantis que tratam do tema, assim o assunto se tornará mais palpável e adequado ao seu imaginário
Professora Katherine	Com certeza através da história facilita a aprendizagem.
Professora Bonnie	Sim, favorece o raciocínio e inteligência da criança e o gosto pela leitura.
Professora Rebekah	Com certeza por que através da literatura eles conhecem as letras os personagens e muito mais outras coisas importantes.
Professora Hayley	Sim. Pois a literatura infantil é um grande facilitador da aprendizagem também para educação especial

Fonte: Lucas Paulo Carneiro da Silva (Arquivo Pessoal)

Analisando o Quadro 5, observamos que as professoras Elena e Bonnie começa suas respostas com sim, pois além de ser uma maneira lúdica de trabalho, pontuam

também que chama mais a atenção dos alunos durante um trabalho com a literatura, trabalhando seus raciocínios despertando um gosto pela leitura e incentivado.

Já as professoras Katherine e Rebekah pontuam algo similar das outras indicando que o momento é propício para os alunos aprenderem, sendo letras, emoções, habilidades, pois podem ser trabalhados diversos conteúdos, como citado pela profissional é um meio facilitador de conhecimento podendo ser comparado com o que a docente Caroline afirma.

A professora Hayley confirma que a literatura infantil é uma aliada no processo de ensino- aprendizagem. Dessa forma, cabe a escola estabelecer uma rotina de leitura em que possa contribuir com a formação de leitores. De acordo com Azevedo (2017, p.14 apud Sousa, 2022.p. 16):

A escola também tem um papel no desenvolvimento dessa cultura leitora, que deve ser trabalhada no cotidiano e não em ações isoladas. (...) A escola não é uma ilha, pelo contrário, ele é um polvo que deve lançar os seus tentáculos pelo menos em toda comunidade onde está inserida. E, ao reconhecer a verdadeira situação das práticas de leitura nos lares, terá ideia inicial do trabalho que precisa desenvolver para suprir as lacunas existentes. Promover um trabalho consistente de leitura, útil para a formação de cada criança, incluir o lazer, o prazer estético, o acesso às informações.

Assim a sala de aula é o local mais apropriado para que os livros estejam inseridos em uma rotina diária pelas professoras, pois a leitura de histórias potencializa aprendizagens significativas.

Nesse ambiente educativo potenciador de aprendizagens significativas, os livros ocupam, naturalmente, um lugar de destaque. Sabemos que, na primeira infância, os livros mais indicados são os livros – brinquedo, os pop-up, os álbuns, os livros com formas, texturas, cores e sonoridades que permitem estimular os cinco sentidos e que despertam emoções e o prazer da descoberta, mas o certo é que, à medida que crescem, as crianças se vão deixando seduzir por outro tipo de livros (MENDES; VELOSA, 2016, p.03)

Percebemos que as professoras se sentem à vontade para trabalharem com a contação de história e percebem que usar desse recurso é um meio facilitador para o ensino-aprendizagem dos seus alunos. Apesar de todas terem essa percepção, percebemos com a pesquisa que nem todos utilizam da leitura literária em sala.

Por fim, questionamos as professoras como a literatura infantil contribui para a formação do aluno com necessidades especiais?

Quadro 6: Literatura Infantil formação do aluno com necessidades especial

Pergunta	Em seu ponto de vista, como a literatura infantil contribui para a formação do aluno com necessidades especiais?
Professora Elena	
Professora Caroline	Nós, professores, ao estimularmos situações de aprendizagem através das diversidades dos livros, contribuimos para atender com qualidade, respeitando e garantindo a acessibilidade e os direitos dos alunos com necessidades educativas especiais.
Professora Katherine	Influência a função social do aluno e incentiva a criatividade.
Professora Bonnie	Favorece a socialização e contribui com o desenvolvimento cognitivo da criança.
Professora Rebekah	Contribuir muito por que através da literatura eles ficam conhecendo as histórias os personagens e tudo mas.
Professora Hayley	Ela contribui de forma que suas histórias é de grande valia para os alunos

Fonte: Lucas Paulo Carneiro da Silva (Arquivo Pessoal)

A professora Caroline indicou a importância da diversidade de livros garantindo a acessibilidade de todos os estudantes. Participantes Katherine e Bonnie pontuaram a contribuição durante o seu ensino, ressaltando a função social da literatura. Viccini (2011) trata que uma leitura sendo literária acaba se tornando mais prazerosa quando é compartilhada, sendo em grupos, assim podendo haver trocas de ideias. Ou seja, contribui com o aluno no modo de perceber o mundo que é compartilhado com outras pessoas.

Professora Rebekah pontua as aprendizagens que podem ser apreendidas através da literatura, conhecendo novas histórias e personagens. Na mesma linha Hayley pontua também a contribuição das histórias para os alunos. Vale ressaltar que a participante Elena não respondeu a questão.

Considerando as respostas das professoras e as observações feita ao longo do ano de 2022, foi possível perceber a presença da contação de história na Associação Pestalozzi mais nas atividades realizadas no pátio da escola. Em especial nas datas comemorativas indicadas no calendário escolar e nas ações semanais em parceria com o Projeto da UFMA.

Foi percebido que algumas atividades desenvolvidas no pátio da escola, os pais e

familiares eram convidados para participarem dos trabalhos. Assim como durante a realização da contação de história realizada no pátio antes das aulas pelo Projeto, percebemos a presença de alguns familiares que ficavam para assistir a apresentação.

Percebemos que as atividades realizadas no pátio contavam com a participação dos familiares, um dos momentos que pudemos observar foi a comemoração da Páscoa, sendo realizada uma espécie de gincana dentro do espaço escolar com a presença dos responsáveis. Assim, foi notório perceber que quando a atividade é realizada de uma maneira diferente se torna mais atrativa, envolvendo também a comunidade escolar. De acordo com Stela:

Não há como pensarmos em educação sem o envolvimento dos pais nesse processo. Escola e família são instituições sociais muito presentes na vida escolar do aluno, de forma que só se pode pensar em sucesso educativo se pensarmos também em trabalho em conjunto. Educar é, sem dúvida, um papel que recai sobre os pais e a escola. (STELA, p.15. 2018).

Percebemos também que um dos desafios em trabalhar com a literatura em sala de aula é a falta de um espaço próprio para organizar os livros sendo assim um problema que a escola possui de acordo com as observações realizadas no caderno de campo.

Outro desafio é conseguir que os alunos tenham autonomia na leitura, que consigam ler e interpretar um texto. Vale salientar que a necessidade de um atendimento educacional especializado individualizado dificulta o processo que se agravou durante a pandemia do Covid-19, tendo em vista que o público que a escola atende é bastante carente, não tendo acesso à internet em casa e nem a um aparelho de celular para acompanhar as aulas. Além disso, vale ressaltar que muitos pais e ou responsáveis não são alfabetizados, dificultando a mediação necessária para a realização das atividades com as crianças.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou verificar a presença da Contação de História na Pestalozzi de Codó a partir das observações feitas durante a participação do projeto e das respostas obtidas dos questionários respondidos por seis professoras da Associação. Considerando o interesse dos alunos da Pestalozzi com as contações de história do Projeto Alfabetização e Letramento na Educação Especial, buscamos verificar se essa prática estava presente na rotina dos docentes.

Desse modo, após as análises e discussões dos resultados da pesquisa, concluímos que apesar de todos considerarem importante a contação de histórias para o desenvolvimento dos estudantes, apenas 20% utilizam do livro de literatura diariamente em sala de aula. O livro com maior frequência em sala de aula é o livro didático, que foi indicado por 60% dos participantes com a utilização diária, assim sua prática utilizada de maneira intraclasse, as atividades são realizadas dentro da sala de aula.

Vale ressaltar que a prática da contação de história está mais presente nas atividades que ocorrem no pátio da escola que estão associadas as datas comemorativas. Assim como a contação de história do Projeto que ocorre também neste espaço, assim sua prática utilizada de maneira extraclasse, as atividades são realizadas fora da sala de aula.

Dentre as estratégias utilizadas por algumas professoras em sala de aula se destacam os momentos de roda de conversa. As participantes de maneira geral indicaram que os alunos se sentem motivados com as histórias por serem mais atrativas, ressaltaram a relação das contações de histórias com as atividades lúdicas.

Reforçamos assim a importância de ser trabalhado a literatura na prática pedagógica, como uma ação diária do (a) professor (a), podendo ser caracterizado como um instrumento poderoso para o ensino e aprendizagem.

Assim durante as observações, podemos perceber que leitura da literatura infantil faz com que os alunos participem mais, dando suas sugestões depois dos termos das histórias como também conseguem fazer novas relações com seu cotidiano. Percebemos também que alguns gêneros cativam, mas os alunos do que outros, sendo muito importante a mediação dos (as) docentes.

Pois, além disso, acaba por desenvolver todo um pensamento crítico, ampliando assim seus conhecimentos sobre sua vida de mundo, onde fico muito feliz percebendo isso ao longo do trabalho e no decorrer do desenvolvimento.

De um modo geral a pesquisa me possibilitou um novo olhar para o processo de ensino aprendizagem através da contação de história como um meio da prática pedagógica do professor, pois já sabia como isso ajudava no desenvolvimento mais não tanto quando é percebido durante o processo da evolução do mesmo, por essa prática diferente, inovadora e lúdica.

Onde o trabalho termina com o seguinte questionamento como se deu os desenvolvimentos dos alunos durante esse processo, deixando espaço para continuação trabalhando uma perspectiva de alunos, sendo citado novamente que possui avanços e ajudou nos desenvolvimentos de alunos dentro da instituição, desse modo é bom compartilhar para mais trabalhos sendo dos professores ao usar a contação de história como um meio da sua prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo, SP: Scipione, 2003.
- ALMEIDA, P. N. d. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 1995.
- ARAÚJO, M. P. M.; BRAVO, D. O. M.; RODRIGUES, G. A. S. A contação de história como estratégia pedagógica: contribuição para a aprendizagem e desenvolvimento no ensino fundamental. **Revista Científica da Faculdade Cenecista de Vila Velha**, n. 12, p. 73-86, jan./jun. 2014.
- ARAÚJO, A. P. **Aprendizagem infantil: uma abordagem da neurociência, economia e psicologia cognitiva**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2018.
- BANDEIRA, K. B. de L. **Contação de histórias na era digital: a importância da literatura infantojuvenil na formação de leitores críticos**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. Brasil.
- BRASIL. Constituição Federal do Brasil de 1988. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: [s.n], 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 18 abr. 2023.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Alfabetização de crianças com deficiência: uma proposta inclusiva. Carderno de educação especial**. Brasília, Ministério da educação 2012. Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Educação_Especial_MIOLO.pdf. Acessado em: 11 dez. 2022
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília: [s.n], 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/113146.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2013.146%2C%20DE%206%20DE%20JULHO%20DE%202015.&text=Institui%20a%20Lei%20Brasileira%20de,Estatuto%20da%20Pessoa%20com%20Defici%C3%Aancia. Acesso em: 27 jun. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em : http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 01 jan. 2023
- BUSATTO, C. **A Arte de Contar Histórias no século XXI**. Petrópolis, RJ: 2006.

BUENO, J. G. S. A produção social da identidade anormal. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **História social da infância no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 163-186.

CAMPBELL, J. Os primeiros contadores de histórias. *História & Antropologia*, 2005. Disponível em: <<http://www.botucatu.sp.gov.br/Eventos/2007/contHistorias/artigos/osPrimeirosContadoresHist.pdf>. > Acesso em: 01/01/2023.

CAPELLINI, V. L. M. F. et al. Contos de Fadas: recurso educativo para crianças com deficiência intelectual. **Psic. Da Ed.**, São Paulo, 34, 1º sem. De 2012, p. 158- 185. Disponível em: <http://pespsic.bvsalud.org/pdf/psie/n34a09.pdf>. Acessado em: 20 dezembro 2022.

CURTO, L; MORILLO, M. M; TEIXIDÓ, M. M. **Escrever e Ler**: Como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DIAS, N. G; DIAS, N. M. G.. **CONTADORES DE HISTÓRIA**: Guardiões da memória cultural Parintinense. Encontro de políticas públicas. Manaus, 2015. Disponível em: <https://epppac.com.br/wp-content/uploads/2021/07/15-CONTADORES-DE-HISTORIA-Guardioes-da-memoria-cultural-Parintinense.pdf>. Acesso em 12 de jun. 2023

DICIO. **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

FEDERAÇÃO DAS APAES DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO - APAE ES. **A história das APAES**. Vitória, ES: [s.n], [2016]. Disponível em: <https://www.apaes.org.br/files/meta/b9f4a423-b282-43c3-889a-07d394a6cb3d/49fd7137-a301-4206-b69d-1ee5e2b89d16/276.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2023.

FERREIRA, L. C; DE OLIVEIRA, R. L. A contação de histórias como prática educativa. **A Cor das Letras**, v. 21, n. 2, p. 66-75, 2020.

FILHO, J. N. G. **Literatura Infantil**: Múltiplas Linguagens na Formação de leitores. São Paulo: Ed. ABDR, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo, ed. Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

- LAJOLO, M. **O que é literatura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99p.
- MASETTO, M. **Didática: A aula como centro**. 4º ed. São Paulo: FTD, 1997.
- MATEUS, A. D. N. B., SILVA, A. F., PEREIRA, E. C., DE SOUZA, J. N. F., DA ROCHA, L. G. M., DE OLIVEIRA, M. P. C., & DE SOUZA, S. C. (2013). A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. *Pedagogia em ação*, v. 5. N. 1.
- MÁXIMO-ESTEVEVES, Lúcia. **Da Teoria a Prática: educação ambiental com as crianças pequenas ou o fio da história**. Porto, Portugal: Porto Editora Ltd., 1998.
- MENDES, T; VELOSA, M. Literatura para a infância no jardim de infância: contributos para o desenvolvimento da criança em idade pré- escolar. **Por- Posições**, v. 27, n. 2, p. 115 -132, 2016
- MINAYO, M. C. d. S. (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001
- NASCIMENTO, C. B. F; ALVES, L. M. A. O curso de formação da fundação Pestalozzi do Brasil em 1953: discurso sobre a deficiência intelectual e a cultura escolar. **Revista Plurais - Virtual**, Anápolis, v. 6, n. 2, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistapluraisvirtual/article/view/5965/4078>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- PRIETO, H. **Quer ouvir uma história: lendas e mitos no mundo da criança**. Col. Jovem Século XXI. São Paulo: Angra,1999.
- RIBEIRO, E. A. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.
- RODRIGUES, E. B. T. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.
- RODRIGUES, J. L. **Contação de histórias na educação infantil: uma experiência na prática docente**. Monografia (Graduação em Pedagogia-Licenciatura)–Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.
- SANTOS, M. R. E. d. **A contação de história na educação infantil na escola**. Tcc (Graduação) - Curso de Pedagogia. Universidade Federal Da Paraíba- UFPB, Conde – PB, p. 42. 2014
- SARTORETTO, M. L. **Inclusão: da concepção à ação**. RJ: Vozes, 2008, p. 77-78
- SILVA, V. S. d. **Letramento e ensino de gênero**. Esucfoco, Juiz de Fora, v.16, n 1, p 19-40, 2011

- SILVA, E. C. d. Uma boa história, um bom contador, uma criança e a imaginação: características da contação de histórias. *Revista Educação Pública*, v. 21, nº 22, 15 de junho de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/22/uma-boa-historia-um-bom-contador-uma-crianca-e-a-imaginacao-caracteristicas-da-contacao-de-historias>. Acesso: 25 de junho de 2023
- SILVA, A. d. R; PAULINELLI, M. d. P. T. Leitura, literatura infantil e formação do leito: reflexões teóricas e práticas para a sala de aula. **XII Jogo do Livro e II Seminário Internacional Laitno – Americano**. Minas Gerais, 2017
- SISTO, C. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. ed.rev. e ampl. Belo Horizonte: Aletria, 2012.
- SOUSA, L. L. **A importância da literatura infantil na inclusão escolar**: Reflexões a perspectiva de docentes do CMEI Sagrado Coração de Jesus. Tcc (Graduação), Licenciatura em Pedagogia. Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Codó-MA. P. 30. 2022.
- SOUSA, L. O de; BERNARDINO, A. A contação de história como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Revista de Educação**, v. 6, n. 12, p. 235-249, 2011.
- SOUZA, J. P. Uma introdução dos livros paradidáticos no ensino de Matemática. VI **Congresso Internacional de Ensino de Matemática**. Canoas/RS: ULBRA, 2013, p. 1-13
- STELA, F. **Participação dos pais na gestão escolar**. Fortaleza: Fort Editora, 2018
- TAHAN, M. **O Homem que Calculava**. Rio de Janeiro: 42ª edição, Record, 1996. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1996, p.29- 164.
- TORRES, Maire – Hélène Catherine. Mme de Staël: Literatura e Tradução. *Cadernos de Tradução*, v. 35, p. 75 – 86, 2015. Acesso em: 1 de dezembro de 2022
- VICINI, C. G. Professor Mediador, aluno leitor: **X Congresso nacional de educação – Educare. I Seminário internacional de representações sociais, subjetivas e educação- Siersse**, Curitiba, 07 a 10 de novembro de 2011

APÊNDICE A - Questionário

Informações Iniciais

quadro

1. Nome:
2. Formação:
3. Tempo de atuação como docente:
4. Tempo de atuação na Associação Pestalozzi:
5. Turma que atua na Associação:
6. Quantos alunos na sua sala:
7. Identificação dos alunos com deficiência, transtorno e ou dificuldade de aprendizagem

Perguntas específicas.

1. Quais são as principais atividades que envolvem a leitura na sua rotina escolar?
2. Quais são os livros mais presentes na sua sala de aula? Livro didático, livro paradidático ou livro de literatura?
3. Qual a frequência que você trabalha com cada um dos tipos de livros indicados na questão anterior?

Livro didático

- todos os dias (), três vezes na semana (), menos de duas vezes () nunca ()

Livro paradidático

- todos os dias (), três vezes na semana (), menos de duas vezes () nunca ()

Livro de literatura

- todos os dias (), três vezes na semana (), menos de duas vezes () nunca ()

4. Na sua rotina, tem um momento específico para utilizar dos livros de literatura? Se sim, qual?
5. Você saberia dizer quais são os livros de literatura que foram apresentados para os seus alunos neste ano. Cite algumas histórias.
6. Como é selecionado os livros de literatura infantil para se trabalhar em sala? Essa seleção é feita por temas escolhidos por você ou pelos estudantes?
7. Como geralmente ocorre os momentos que utiliza da contação de histórias na sua sala de aula?
8. Na sua opinião, qual a importância de trabalhar com a contação de história para o processo de ensino aprendizagem do aluno?

9. Você acredita que o trabalho com a literatura infantil pode facilitar a aprendizagem dos alunos da educação especial? Como?
10. Quais são as principais dificuldades enfrentadas em relação ao trabalho com a literatura infantil em sala de aula?
11. Com sua experiência em sala, você considera que o seu aluno assimila mais facilmente o conteúdo quando está sendo trabalhado de maneira lúdica através das histórias? Justifique.
12. Quando trabalha uma história em sala de aula, qual o seu principal objetivo?
13. Em seu ponto de vista, como a literatura infantil contribui para a formação do aluno com necessidades especiais?
14. A escola possui algum projeto ou atividade regular para trabalhar a leitura com os estudantes? Se sim, indique

APÊNDICE B - Autorização**Autorização**

Eu Diana Maria Rabelo de Almeida CPF
924.811.753-87 RG 076 012 67 2022 - 0

Gestora da Associação Pestalozzi de Codó, Maranhão, que funciona na Rua Afonso Pena, 83 no centro do município de Codó/MA autorizo o Lucas Paulo Carneiro da Silva CPF 018.430.463-03 estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia, UFMA-CODÓ a utilizar da referida escola Associação Pestalozzi, para elaboração do seu Trabalho de Conclusão de Curso vinculada a Universidade Federal do Maranhão, orientado pela professora Dr. Cristiane Dias Martins da Costa.

Para maior clareza, firmamos a presente autorização, libero a utilização do meu nome, de fotos do meu arquivo pessoal e depoimentos para fins científicos e de estudos (tese de doutorado, livro, artigos e slides), em favor da pesquisa, acima especificada.

Codó/MA, 29 de 06 de 2023

Lucas Paulo Carneiro da Silva

Pesquisador Responsável pelo Projeto

Diana Maria Rabelo de Almeida

Gestora da Associação Pestalozzi

ASSOCIAÇÃO PESTALOZZI DE CODÓ
CNPJ(CGC)05.794.433/0001-80
CODÓ - MA CEP:65.400-000

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Venho pelo presente documento, convidá-la (o) para participar como sujeito da pesquisa de monografia intitulada “**A LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO ESPECIAL**: perspectiva dos docentes da Associação Pestalozzi de Codó, Maranhão” e “**A PRESENÇA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CODÓ**: Associação Pestalozzi Lalá Ramos”. Esta pesquisa Tem por objetivo: analisar o desenvolvimento da literatura infantil na Associação Pestalozzi e a presença da contação de história na prática pedagógica dos docentes de uma escola de Educação Especial em Codó.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista e/ou questionário. Se depois de consentir sua participação e desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Para qualquer outra informação ou dúvida, poderá entrar em contato com: Krysman Felix da Silva número: 99985234465; Lucas Paulo Carneiro da Silva, número (99) 98133-0789.

Consentimento pós-informação:

Eu, _____, fui informado(a) sobre a minha colaboração na pesquisa, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da monografia, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser.

Data: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura dos pesquisadores responsáveis: _____,

Assinatura do(a) professor(a) orientador(a)”: _____.